

# EGITO: HISTÓRIA ANTIGA DA FILOSOFIA AFRICANA<sup>1</sup>

Théophile Obenga

## O PROBLEMA

É um mero preconceito acreditar que a época filosófica da humanidade começa primeiro entre os gregos no quinto século a.E.C.<sup>2</sup> Esse preconceito implica que outros povos antigos não se engajaram no pensamento especulativo. Sem dúvidas, o pensamento especulativo transcende a experiência, mas tenta sempre explicá-lo, interpretá-lo e unificá-lo para sistematizá-lo. O pensamento especulativo, usando aforismos, alusões, metáforas, métodos negativos ou positivos e dialética, pode ser oral ou escrito, está necessariamente ligado aos problemas da vida. Assim, a filosofia pode ser definida como “pensamento reflexivo sistemático sobre a vida” (Yu-lan 1976: 16).

O espírito das filosofias Chinesa, Indiana, Africana, Européia e Maia podem diferir muito em seus tratamentos de um sujeito, mas a filosofia sempre lida com o conhecimento humano e a elevação da mente. A *futura filosofia do mundo* deve então levar em conta os grandes sistemas especulativos de toda a humanidade.

Portanto, há uma necessidade urgente de ganhar alguma familiaridade com as tradições da filosofia Africana desde os tempos remotos até a era contemporânea. Eu tentarei apresentar a história antiga da filosofia Africana, colocando em foco o pensamento especulativo do antigo Egito [*Kemet*].

## MÉTODO

A filosofia Africana como um fato histórico deve ser entendida dentro de um recorte histórico. A origem, evolução e desenvolvimento da filosofia Africana

---

<sup>1</sup> OBENGA, Théophile. Egypt: Ancient History of African Philosophy. In: KWASI, Wiredu (ed.). **A Companion to African Philosophy**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, p.31-49. Tradução para uso didático, para o projeto de pesquisa *Dissecando o racismo epistêmico: a urgência de outra perspectiva no ensino de filosofia*, por Vinícius da Silva ([viniciuxcostasilva@gmail.com](mailto:viniciuxcostasilva@gmail.com)).

<sup>2</sup> Embora no original o autor utilize as siglas “BC” e “AC” para se referir ao período antes e depois de Cristo, aqui, no entanto, escolhemos traduzir e utilizar as siglas “a.E.C.”, que significa ‘antes da Era Comum’, e “d.E.C”, que significa ‘depois da Era Comum’. (N. T.)

seguem os fluxos e correntes da história Africana. A longa história da filosofia Africana mostrou conexões com outros continentes, principalmente com a Europa, desde o mundo greco-romano. Em tempos remotos, a filosofia Africana localizava-se principalmente no vale do Nilo, isto é, em Kemet ou antigo Egito, e em Kush (*Napata-Meroe*). A filosofia floresceu no Egito de aproximadamente 3400 a.E.C. à 343 a.E.C. e em Kush (também conhecida como Núbia ou Etiópia pelos gregos) de aproximadamente de 1000 a.E.C. à 625 a.E.C.

A tarefa do historiador da filosofia requer métodos válidos para esclarecer as ideias, conceitos e especulações dos filósofos do passado e levar suas teorias à sua conclusão final, a fim de mostrar sua eficácia. Mas o historiador da filosofia é, ele próprio, até certo ponto, um filósofo, porque seu trabalho não é apenas uma mera investigação histórica, mas também uma investigação criativa. O historiador da filosofia pensa nas ideias e teorias do passado. Assim, os métodos analíticos e críticos da história sofrem mutações para tornam-se um método produtivo de filosofia.

### A QUESTÃO DO ANTIGO EGITO

A questão da conexão do antigo Egito com o resto da África Negra foi aberta a uma discussão intensiva envolvendo pontos de vista opostos em 1974, durante um simpósio internacional organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no Cairo e em Aswan. Estavam presentes mais de 20 dos melhores egiptólogos do mundo. Todos os destacados estudiosos e especialistas do simpósio do Cairo, embora tenham se oposto a outros itens, chegaram, apesar disso, a um acordo sobre os seguintes pontos significativos.

Primeiro, a língua egípcia como revelada nos escritos hieroglíficos, hieráticos e demóticos, e em Copta, isto é, a antiga língua egípcia em seus últimos desenvolvimentos, como está escrito na escrita grego-cóptica<sup>3</sup>, e as modernas línguas Africanas, faladas atualmente na África Negra, constituem a mesma comunidade linguística dividida em várias partes. A gramática comparativa e o

---

<sup>3</sup> No original: **Greek-Coptic script** (p. 32). (N. T.)

método de reconstrução interna permitem que os estudiosos reconstituam certas características da língua falada pela comunidade original, sem separação, com base nas características correspondentes das línguas descendentes. O método comparativo na linguística histórica ainda é um método válido para definir a mudança e determinar formas anteriores de duas ou mais linguagens relacionadas para provar sua relação precisa. Tecnicamente falando, nenhum estudioso, usando o método de reconstrução interna, provou objetivamente que as línguas semíticas, egípcias e berberes são descendentes de um ancestral comum. A chamada “família afro-asiática”, ou “família chamito-semítica”, que ganhou ampla circulação, não tem nenhuma base científica. Não há prova de uma “gramática histórica afro-asiática”. Pode-se lembrar aqui o que Immanuel Kant (1724-1804) chamou de “o preconceito do prestígio da multidão”, isto é, a suposição de que o que todo mundo diz deve ser verdade. Nas ciências humanas, os círculos “científicos” frequentemente fazem afirmações que não se baseiam em nenhum motivo objetivamente verificável, mas apenas nesse tipo de preconceito.

Em segundo lugar, o antigo Egito era um florescente reino antigo do nordeste da África, localizado no vale do Nilo, agora na “Ásia Menor” ou no “Oriente Próximo”. A civilização egípcia do período faraônico (3400-343 a.E.C.) era intrinsecamente, isto é, em sua natureza essencial, uma civilização africana, em razão de seu espírito, caráter, comportamento, cultura, pensamento e sentimento profundo.

Como sabemos, Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), que não era historiador, mas um grande filósofo, declarou em suas palestras proferidas no inverno de 1830-31 sobre a história filosófica do mundo: “A África não é parte histórica do mundo; ela não tem movimento ou desenvolvimento para exhibir... o Egito... não pertence ao espírito Africano” (1956, p. 99; grifo meu). Essa visão da filosofia hegeliana da história tornou-se quase uma opinião comum e um paradigma acadêmico na historiografia Ocidental. Uma grande cultura ou civilização não pode ser produzida por pessoas Africanas (pretas). Além disso, [segundo o raciocínio acima] os Africanos nunca tiveram qualquer tipo de contribuição para a história do mundo. Até mesmo algumas mentes Africanas brilhantes ainda aceitam a declaração incongruente de Hegel como verdade. Nos

tempos modernos, o principal documento relativo à “questão” da antiga conexão egípcia com o resto da África Negra foi, até o simpósio do Cairo, a *Filosofia da História* de Hegel. Assim, levou um século e 44 anos, de Hegel (1830) ao simpósio do Cairo (1974), para mudar o paradigma instalado pelo filósofo alemão. O simpósio do Cairo foi, então, um ponto de virada na historiografia e filosofia Africanas.

### CONCEITOS EGÍPCIOS ANTIGOS DE “FILOSOFIA”

Foi dito acima que a filosofia poderia ser definida como pensamento reflexivo sistemático sobre a vida. Não existe uma filosofia única que possa ser imaginada exceto em relação à vida, sociedade, existência e universo. Mesmo o raciocínio abstrato sobre a condição ou qualidade de ser nada (“Inexistência”)<sup>4</sup> ainda lida com algo no universo, uma vez que o universo é a totalidade de tudo o que é. Os seres humanos sempre precisam discernir o que é real, verdadeiro, certo ou duradouro. Tal percepção é sabedoria, porque entender o que é verdadeiro, certo ou duradouro necessariamente eleva a mente. É por isso que “filosofia” era entendida pelos gregos como “amor à sabedoria” e “filósofo” como “amante da sabedoria”. Filosofar não era apenas especular sobre a vida e refletir sobre a natureza, mas também estar envolvido com amor, intenso desejo e forte entusiasmo na investigação de causas subjacentes à realidade, a fim de construir um sistema de valores pelos quais a sociedade possa viver.

A filosofia é mais importante em sua função essencial do que em sua mera metodologia como uma investigação crítica ou analítica sobre a natureza das coisas. A noção básica de filosofia no antigo Egito referia-se precisamente à síntese de todo aprendizado e também à busca da sabedoria e da perfeição moral e espiritual. A filosofia nos tempos antigos do Egito faraônico era, então, uma espécie de pedagogia que continha os sábios ensinamentos (*sebayit*) dos antigos sábios, que eram estudiosos, padres e oficiais ou estadistas ao mesmo tempo.

---

<sup>4</sup> No original: **nothingness** (p. 33). (N. T.)

De fato, o verbo *rekh* (escrito com os sinais hieroglíficos de “boca”, “placenta”<sup>5</sup> e [com o] “papiro enrolado, amarrado e selado”) significa “saber” ou “estar ciente de”, mas também “aprender”. Os seres humanos sabem aprendendo, isto é, através da experiência ou condicionamento, escolaridade ou estudo. A palavra *rekh* (quando escrita com o hieróglifo de um homem sentado) significa “homem sábio”, isto é, um homem instruído, um erudito, um filósofo. Assim, o conceito *rekhet* (escrito com o hieróglifo para noções abstratas) significa “conhecimento”, “ciência”, no sentido de “filosofia”, isto é, investigação sobre a natureza das coisas (*khet*) com base em conhecimento preciso (*rekhet*) e bom (*nefer*) julgamento (*upi*). A palavra *upi* significa “julgar”, “discernir”, isto é, “dissecar”. A palavra cognata *upet* significa “especificação”, “julgamento” e *upset* significa “especificar”, isto é, dar os detalhes de alguma coisa.

Na língua egípcia, “sabedoria” e “prudência” são expressas pela mesma palavra: *sat* (o hieroglífico determinante é muito característico; é de um homem com mão para a boca). De fato, ser sábio (*sai*) é ser prudente (*sai*); é para ser quase “silencioso”, isto é, sagaz em lidar com assuntos e exercitar o bom senso. Sabedoria e prudência implicam o conhecimento (*rekhet*) e a consciência dos princípios da conduta moral e do comportamento sociável. O homem sábio (*rekh* ou *sai*) agarra em sua mente com clareza e certeza o que é conhecido distintamente para ele.

O homem sábio ou a mulher sábia, claro, ama a verdade (*maat*). Ele/a é perspicaz, marcado/a por uma consciência aguçada e uma inteligência penetrante, porque ele/a recebeu instrução formal. Na língua egípcia, a palavra *seba* (escrita com o símbolo de uma “estrela”) significa “ensinar”, sugerindo ensino metodológico e um árduo processo de aprendizagem, como na escola. Ensinar (*seba*) é abrir a porta (*seba*) para a mente da pupila (*seba*), a fim de trazer luz, a partir de uma estrela (*seba*). Os conceitos egípcios relativos ao tópico em questão são precisos:

---

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre a gramática egípcia, ver GARDINER, A. H. **Egyptian Grammar: Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs**. London: Oxford University Press, 1964 e OBENGA, T. **La philosophie Africaine de la période pharaonique (2780-330 a.C.)**. Paris: L'Harmattan, 1990. (N. T.)

Seba: “ensinar”

*na seba*: “escola”, literalmente “casa de ensino”. (Um famoso diretor de escola foi Kemhu, que viveu durante a 13ª Dinastia, de 1782 a 1650 a.C. Sua estátua de Abydos está agora no Museu Egípcio, no Cairo.)

*seba*, também *sebaty*: “pupila”

*sebayit*: “ensino escrito”, “instrução”, “sabedoria”, também “pedagogia”, isto é, a arte de trazer os alunos das trevas para a luz na vida intelectual e espiritual

*tep-heseb*: “método correto”

Este último conceito metodológico, *tep-heseb*, ocorre no próprio título de um texto científico, o chamado “Papiro Matemático de Rhind”, copiado pelo escriba e professor Ahmes por volta de 1650 a.E.C. de escritos datados de cerca de 200 anos antes.<sup>6</sup>

A partir dos conceitos claramente definidos acima, é óbvio que o pensamento egípcio criou a terminologia para a formulação de um sistema de pensamento abstrato usando um simbolismo gráfico e concreto. O pensamento egípcio era gráfico e abstrato ao mesmo tempo. Fotos foram usadas como símbolos do pensamento. Os sinais, figuras e símbolos tangíveis estavam relacionados a idéias e significados. Eles eram, na verdade, estruturas semióticas. Os egípcios desenvolveram uma espécie de semiologia estudando a relação entre signos e imagens, usando objetos materiais para representar algo invisível ou abstrato. Isso não quer dizer que os filósofos egípcios pensassem “em” termos gráficos e concretos. Eles fizeram uso de formas gráficas e concretas para pensar abstrações. Isso pode parecer estranho para a mente moderna, por causa do sistema alfabético de escrita. De fato, estruturas semióticas em signos hieroglíficos eram um excelente equipamento para um pensamento abstrato preciso. E os primeiros termos abstratos para expressar idéias transcendentais conhecidas na história da filosofia aparecem entre os egípcios da Era da Pirâmide, isto é, durante o Antigo Império (2686-2181 a.E.C). Uma se refere a idéias, como a bondade de Deus (*nefer netcher*), a obrigação moral e os altos ideais de equidade

---

<sup>6</sup> Ver Gillings, 1972.

social (*maat*). Notáveis também são as idéias da realeza humana (*nesyt*) e do conceito do Princípio Supremo, ou Deus (*Ra*), simbolizado pelo sol.

### A PRIMEIRA DEFINIÇÃO DE UM “FILÓSOFO” NA HISTÓRIA DO MUNDO

Os antigos egípcios significavam por *rekh* ou *sai* um “ser humano sábio” ou “filósofo”. Não foi apenas uma questão de palavras. Dois mil anos atrás, no antigo Egito, sem dúvida, a “inscrição de Antef” deu a primeira declaração clara e distinta, apresentando o significado fundamental de um “filósofo”. Esse é um fato demonstrável. O egiptólogo alemão Hellmut Brunner traduz a “inscrição de Antef”, que dá a definição de “filósofo”, como segue:

[Ele é o único] cujo coração é informado sobre essas coisas que seriam de outra forma ignoradas, aquele que é perspicaz quando está profundamente envolvido em um problema, aquele que é moderado em suas ações, que penetra escritos antigos, cujo conselho é [procurado] para desvendar complicações, que é realmente sábio, que instruiu seu próprio coração, que fica acordado à noite enquanto procura os caminhos certos, que supera o que ele realizou ontem, que é mais sábio que um sábio, que se trouxe para sabedoria, que pede conselhos e cuida para que lhe peçam conselhos. (*Inscrição de Antef*, 12<sup>a</sup> Dinastia, 1991–1782 a.E.C.)

O coração *ib*, também *haty*, na língua egípcia foi concebido como a sede de pensamentos e emoções. A palavra para coração também significa “mente”, “compreensão” e “inteligência”. Razão, emoção, espírito, mente e corpo não foram concebidos como entidades antitéticas separadas. Matéria e espírito não eram opostos em conflito. Assim, em suas investigações, os filósofos podem recorrer a todos os recursos de seu ser, incluindo a razão e o sentimento. Desta forma, eles podem esperar alcançar a realização.

A referência ao se aprofundar num problema indica que o pensamento filosófico é um empreendimento crítico. A filosofia não se preocupa com o que é aparente, óbvio, superficial ou insignificante. Pensar profundamente significa lidar com questões substanciais. E o que um filósofo faz na vida, ele deve fazer dentro de limites razoáveis, não sendo de todo sujeito a visões radicais ou extremas. Um filósofo defende visões ou julgamentos moderados, como ele ou ela ama a verdade (*maat*).

Uma grande tradição filosófica e científica existia no antigo Egito. O filósofo era considerado alguém que podia penetrar em escritos antigos e se valer das instruções nele disponíveis. Essas obras constituíam uma tradição filosófica, isto é, um conjunto de ensinamentos (*sebayit*) vistos como um corpo coerente de precedentes que influenciam o presente. A história da filosofia já era, portanto, um sistema de filosofia. Imhotep, Hor-Djed-Ef, Kagemni e Ptah-Hotep no Reino Antigo (2686-2181 a.E.C.) construíram a primeira tradição filosófica na história do mundo. Sua sabedoria ou filosofia lhes dava crédito, porque mil anos depois de terem morrido eles ainda eram lembrados com reverência:

Livros de sabedoria (isto é, filosofia) eram suas pirâmides,  
E a caneta era o filho deles...  
Tem alguém aqui como Hor-Djed-Ef?  
Existe outro como Imhotep?  
Eles sumiram e foram esquecidos  
Mas seus nomes através de seus escritos fazem com que sejam lembrados.  
(*Papiro Beatty IV, Verso*)

Imhotep era grão-vizir do rei Djoser (2668-2649 a.E.C.), [da] 3ª dinastia. Ele também foi sumo sacerdote em Heliópolis, a principal cidade do Deus-Sol, *Ra*. Ele projetou, como arquiteto-chefe, a pirâmide de degraus em Saqqara, que é a primeira construção em pedra lavrada da história mundial. Hor-Djed-Ef era um príncipe real, filho de Khufu (2589-2566 a.E.C.), [da] 4ª dinastia. Ele estava conectado com a maior pirâmide de Gizé.

As mulheres também estavam envolvidas na tradição intelectual, científica e filosófica. Lady Peseshet foi a primeira mulher médica da medicina na história do mundo. Ela viveu durante a 4ª Dinastia ou no início da 5ª Dinastia (2584 ou 2465 a.E.C.). Seus títulos incluíam *imyt-r swnwwt*, isto é, “a senhora diretora de mulheres-médicas”. Ela também era uma sacerdotisa funerária.

No antigo modelo egípcio, os filósofos não são apenas analistas críticos, mentes eruditas capazes de ler textos antigos. Eles também devem estar preparados para pedir conselhos e procurar os caminhos certos. Além disso, eles devem superar seu próprio desempenho conduzindo a investigação de causas subjacentes à realidade sempre de maneira detalhada e precisa. Mas além disso, o filósofo deve buscar a sabedoria, isto é, o que é verdadeiro, correto e útil para a

comunidade. Assim, para o antigo Egito, a filosofia implica a construção crítica do conhecimento, a penetração intelectual e a profundidade, mas também, e talvez acima de tudo, modéstia e moderação, humildade e um desejo infinito de perfeição. Isto é a sabedoria e ainda uma concepção válida da filosofia hoje.

## SINAIS HIEROGLÍFICOS E FILOSOFIA

Plotino (205-70 d.E.C.), filósofo e escritor romano nascido no Egito que fundou o neoplatonismo, escreveu durante o terceiro século d.E.C. que os “sábios egípcios mostraram sua ciência consumada usando sinais simbólicos... Assim, cada hieróglifo constituía uma espécie de ciência da sabedoria.” Nessa demonstração, Plotino considerava os hieróglifos um sistema de escrita que registrava coisas e ideias reais sem confusão. Aparentemente, os hieróglifos não têm mistérios ocultos e impenetráveis. O que os hieróglifos revelam é de interesse singular na história intelectual da humanidade. Lá são mais de 800 sinais hieroglíficos; eles descrevem todas as classes e categorias de seres e coisas mantidas pela criação. Hieróglifos são a conceituação completa e sistematizada de tudo o que é; eles são um conhecimento abrangente da realidade. Os hieróglifos egípcios expressam o universo, como é conhecido e como existe; eles significam, referem-se à totalidade das coisas. É por causa do universo que existem hieróglifos. De certo modo, todas as coisas são hieróglifos e hieróglifos são todas as coisas. É por isso que era impossível para os egípcios conceber a ideia de não-existência no sentido da ausência do existente. Desde que o universo é beleza, abundância, plenitude, diversidade, harmonia e unidade, os hieróglifos reproduzem por desenhos todas essas manifestações do universo.

Tudo está em hieróglifos, como, por ordem aleatória, o homem e suas ocupações, a mulher e suas atividades, divindades, mamíferos, pássaros, animais anfíbios, répteis, peixes, insetos, plantas, árvores, céu, terra, montanhas, água, edifícios, navios, móveis domésticos e funerários, mobília do templo e emblemas sagrados, coroas, vestido, aduelas, guerra, caça, açougue, agricultura, artesanato e profissões, corda, fibra, cestas, sacos, vasos de pedra, barro, bolos, escrita, jogos, música, figuras geométricas,

etc. Hieróglifos, sendo sobre a realidade em toda a sua diversidade, também apresentam conceitos abstratos como espiritualidade, consciência, amor, sexualidade, felicidade, beleza, fealdade, ritos, eloquência, lealdade, soberania, alegria, vida, poder, nascimento, morte, imortalidade, movimento, vento, conhecimento, silêncio, sabedoria, chama, luz, dia, noite, escuridão, medo, alteração, cheiro, perfume, verdade, justiça, etc.

A escrita hieroglífica é um sistema semiótico mais completo – completo, isto é, sistemático e compreendendo tudo no universo. Estudar a escrita hieroglífica egípcia é como estar em comunicação com tudo o que existe. A disciplina Egiptologia envolve a aprendizagem do sistema egípcio de escrita. A escrita hieroglífica egípcia é encontrada em toda parte: nas paredes e colunas do templo, túmulos, monumentos sagrados e assim por diante. As inscrições pintadas existem, ilustrando as sensibilidades estéticas dos escribas egípcios. A escrita egípcia atingiu seu pleno desenvolvimento em torno de 3200 a.E.C., e depois permaneceu fundamentalmente inalterada por um período de 3000 anos.

A necessidade humana universal de comunicação e auto-expressão foi graficamente cristalizada na escrita egípcia, que procurou representar a forma do próprio universo. Isso é impressionante do ponto de vista semântico e filosófico. Os Africanos, em todo o caso, devem estudar a língua e a escrita egípcias.

## **O CARÁTER DINÂMICO DO PENSAMENTO EGÍPCIO SOBRE “EXISTÊNCIA”**

Verbos expressando a existência não são estáticos, mas dinâmicos na filosofia egípcia. São basicamente verbos de movimento, enfatizando a duração e referindo-se a momentos do tempo. Verbos como “existir”, “ser”, “ser estável, duradouro” e “tornar-se” eram dominantes na especulação egípcia sobre a vida e a existência do universo.

### **O verbo *wnn* (*unen*): “existir”, “ser”**

O verbo *wnn* (*unen*), escrito com o sinal hieroglífico da lebre do deserto, significa “existir”, “ser”. Esse verbo expressa o ser ou a existência em um sentido pleno de

sangue. Originalmente, significava talvez “mover-se”, “correr”. Para ser um ser verdadeiro, alguma coisa sempre tem que estar em movimento ou funcionando. Portanto, o não-ser não é.

Isso significa que a existência exclui ilusão, alucinação e mera impressão sensorial. A existência é a dinâmica prodigiosa de todo ser. A síntese do repouso (*hotep*) e do movimento (*shemet*) é a totalidade do ser e é inalterável e indestrutível como a vida divina. O conceito de “existência” está intimamente relacionado ao de “eternidade”, isto é, a maneira de ser aquilo que pode ser chamado de perfeito (*nefer*), isto é, o deus *Ra*. *Ra* é o ser mais elevado, imperecível, eterno, possuindo plena realidade, isto é, poder, beleza, verdade, perfeição e bondade.

“Existir” como duração também é um processo dinâmico que se refere a qualquer ponto do tempo. É por isso que uma e a mesma sentença pode ser entendida em um sentido passado, presente ou futuro, de acordo com o contexto particular e a intenção do texto. Por exemplo, a frase *wnn pt wnn. t hr. i (unen pet unen. etj kher. i)* significa:

- "O céu existia quando você estava comigo" (Passado)
- "O céu existe e você está comigo" (Presente)
- "Enquanto o céu existir, você existirá comigo" (Futuro)
- (*Urkunden des aegyptischen Altertums*, IV, 348, 9)

A existência, seja absoluta ou relativa a alguma situação, é sempre um processo dinâmico. O nome dado ao deus ressuscitado Osiris (*Usire*) era *Wnn-nfr (Unennefer)*, que significa “Aquele que é continuamente feliz”, ou “Aquele cuja vida foi regenerada”. Aqui, o verbo *wnn (unen)* “existir”, “ser”, evoca a imortalidade de Osíris, que morreu e renasceu. O principal objetivo da vida humana (*ankh*) era vir a existir como um bom ser (*nefer*) divino, a fim de se tornar Osíris, isto é, imortal e eterno. A distinção entre “ser” e “não-ser” era apenas uma distinção “semântica”. Não possuía significado ontológico na filosofia egípcia.

### **O verbo *d d (djed)* “ser estável”, “duradouro”**

Colunas no suporte do templo; isto é, elas são estáveis (*djed*). Mas ficar de pé é visto como resultado de uma ascensão. A “posição” das colunas de um templo não é uma imagem estática, porque a mente está sempre pensando na firmeza e estabilidade das colunas como um processo. De fato, o movimento é concebido para ser levado da terra para o céu através de colunas. Isto significa que a humanidade, construindo civilização e espiritualidade na terra, deve alcançar o mundo da Verdade (*maat*) e a eternidade (*djet*). O “ser” de uma coluna tal como está (*djed*) em sua estabilidade (*djedet*) é, de fato, análogo ao próprio cosmos. Então, de fato, é o templo inteiro. A dureza de uma coluna é uma realidade reveladora porque a verdade (*maat*) constitui o real (*maa*) da coluna.

Pela arte do escultor, uma estátua (*tut*) não é algo “estático”, como é percebido no pensamento ocidental. Uma estátua é uma imagem viva (*tut ankh*), um verdadeiro (*maa*) devir. De fato, esculpir (*se-ankh*) é tornar a vida (*ankh*) em si mesma como uma coisa real. Uma estátua vem a ser um poder; é a existência localizada do poder (*ka*) de alguém. O Rei Tut-ankh-Amon e suas estátuas de ouro são todas “imagens vivas (*ankh*) de Amon”, “uma vida imagética de Amon”. Tudo o que é descrito como duradouro (*djed*) é, na verdade, uma expressão dinâmica da vida e uma manifestação da própria verdade. A beleza (*nefer*) não é apenas uma categoria estética, mas também a manifestação de uma força transcendental.

O pilar (*djed*) projetou a vida eterna porque era um símbolo de Osíris. De fato, o Nilo era apenas a fonte e símbolo visível daquela fertilidade da qual Osíris era a exemplificação.

### **O verbo *hpr* (*kheper*) “tornar-se”**

As noções [de] “aprender” (*rekh*), “ignorar” (*khem*) e “amor” (*mer*) implicam continuidade, mas “saber”, “não saber” e “desejar” são consideradas na gramática egípcia como ocorrências definitivas resultantes de “ter aprendido”, “não aprendido”, “concebido um desejo”. Assim, como em alguns exemplos citados acima, basicamente a mesma forma gramatical é usada expressar a continuidade de uma ocorrência contemporânea e o passado de uma ocorrência passada.

Na verdade, no início da 12ª Dinastia (1991–1782 a.E.C.) os dois verbos *wnn* (*unen*) (“ser”) e *kheper* (“tornar-se”) foram usados com uma referência passada e também como uma futura prospectiva referência. A cláusula seguinte é um exemplo do primeiro uso: *iret kheperu neb mery. ef kheper im. ef* (“o fazer (*iret*) de todas as mudanças (*kheperu neb*) nas quais (*im. ef*) alguém pode desejar (*mery. ef*) estar envolvido (*kheper*”) (*Urk, V. 4*).

Devemos dedicar atenção especial a esse verbo *kheper* não apenas porque ocorre com muita frequência nos textos egípcios, mas também porque os pontos gramaticais discutidos acima estão concentrados nesse verbo. O verbo *kheper* expressa o ser ou a existência em todas as suas possibilidades. Significa, portanto, tanto “tornar-se” como “efetuar-se”. Incluídos também no significado do verbo estão as idéias de causa e efeito. É nesse sentido do verbo que o criador diz para si mesmo: “Eu existo e em mim possibilidades se tornam existentes” (*kheper.i kheper kheperu*). O existente existe por causa da existência do criador. A existência (*kheperu*) do criador manifesta (*kheper*) em si como “tornar-se” e “efetuar-se”.

Não há gênese, mas co-gênese, no sentido de que o existente existe pelo simples fato de sua natureza interior. Surgindo por si só (*kheper. ef djes. ef*), o existente traz, ao mesmo tempo, a totalidade da existência. O um e o muitos estão entrelaçados pelo mesmo poder dinâmico do existente. Uma implicação disso é que “matéria” e “espírito” são dois aspectos da mesma realidade. Tente lidar com “matéria” sem “espírito”, e o que você tem é incompleto, porque “matéria” e “espírito” não estão apenas lado a lado. Eles estão inextricavelmente conectados juntos.

Como um verbo intransitivo, *kheper* significa “venha a existir”, “mude para”, “ocorra”, “aconteça”, “seja efetivo”, também “passar”, “ser passado”, sempre com a ideia de continuidade. *Kheper* significa também, como observado anteriormente, “existir”, “ser”. Como um verbo transitivo, significa “revelar”.

O caráter dinâmico de *kheper* é geralmente claro. Sua conotação contém a unidade do ser, tornar-se e efetuar-se. Dentro dele, a lacuna entre tornar-se e ser é fechada em virtude do “efetuar-se”. No universo, tudo é cheio de poder (*ka*) e

efetividade (*kheper*). O *ka* é a essência dinâmica de cada existência ou ser no universo.

Podemos entender agora o caráter dinâmico da antiga concepção egípcia do mundo. As coisas não têm a fixidez e a inflexibilidade que acreditamos ter. As coisas são mutáveis e em movimento na terra, no céu, debaixo d'água, etc. A terra e o céu se movem.

## A CONCEPÇÃO EGÍPCIA DO UNIVERSO

Devido à natureza dinâmica de seu pensamento sobre a “existência” e a semiologia universal dos hieróglifos, a filosofia Egípcia era de orientação solar e cósmica. O sol material era conhecido como *Ra*, isto é, o “deus-sol”. Muitas divindades estavam associadas de alguma forma ao deus-sol *Ra*, como *Ra-Atum*, o criador; *Khepri*, um besouro alado ou escaravelho que se ergue no leste; *Horus*, o filho de *Ra*; *Hor-akhty*, o *Horus* dos dois Horizontes; *Amon-Ra*, o deus *Amon* de Tebas solarizado.

No princípio, o deus-sol, como *Atum* ou *Ra-Atum*, surgira de águas primitivas conhecidas como *nun* por seu próprio poder de autodesenvolvimento. Note que “espírito” é pensado aqui como um autodesenvolvimento da “matéria”. O deus-sol gerou *Shu*, o vento, e *Te fnut*, a primeira mulher. Desses dois nasceram *Geb*, o deus da terra, e *Nut*, a deusa do céu, cujos filhos eram os dois irmãos *Osiris* e *Seth*, e as irmãs *Ísis* e *Néftis*. *Osiris* e *Ísis* darão à luz *Horus*, o falcão divino dinástico. O próprio faraó assumiu o título de “Filho de Ra” (*sa-Ra*) da 5ª Dinastia (2498-2345 a.E.C.) em diante. *Maat*, a deusa da Verdade ou da Retidão, era filha de *Ra* (*sat-Ra*). A concepção de Verdade e Correto ocupou um lugar proeminente no pensamento sobre *Aton*, uma divindade solar. *Hathor*, a deusa da beleza, amor, dança e música, era o “olho de *Ra*”. A pirâmide era o principal símbolo do deus-sol *Ra*. Acreditou-se para ajudar o faraó em sua transição do terreno para o reino celestial.

Na filosofia dos antigos egípcios, nesses elementos do mito e da cosmogonia contém suas idéias básicas sobre o mundo.

A mente européia moderna concebe o “caos” e o “cosmos” como conceitos antitéticos. O caos é definido como uma massa desordenada, uma confusão que existia antes do universo ordenado, o cosmos. Por outro lado, para a mente egípcia, não existe tal coisa como o caos neste sentido. No começo havia espaço e tempo primordiais, a *Nun*, da qual o deus-sol *Ra* emergiu por sua própria energia para iniciar a existência de todos os seres. *Nun*, a inundação primitiva ou água, era um deus, existindo antes que o céu surgisse (*kheper*), antes que a terra surgisse, antes que os humanos surgissem, antes que a multidão de deuses nascesse, e antes que a morte surgisse (*Textos da Pirâmide*, §§1466-8).

O poder vivificante do deus-sol produziu (*kheper*) tudo na existência, e seu poder criativo continua a trazer (*kheper*) vida e força até mesmo em coisas “inanimadas”. Este poder vivificante de *Ra* é a fonte constante de vida e sustento. *Ra* está presente na terra como um poder benéfico; o Faraó, filho de *Ra*, expressa sua própria consciência da presença do deus realizando rituais no templo.

Na filosofia egípcia, portanto, *Nun* é o elemento primordial que existia antes da criação e *Ra* a fonte da vida e da racionalidade. Esses conceitos cosmológicos são originais dos antigos egípcios.

### **O universo como uma fronteira infinita**

A palavra *djeru* (*drw*) significa: “fronteira”, “limite”, “fim”. O “universo” é auto-contido, isto é, é sua própria fronteira. O “universo” é, então, infinito porque não tem fronteiras; é o seu próprio limite. É por isso que a palavra *djeru* (*djer*) significa também “o todo”, “o universo”. A expressão *neb-er-djer* significa “Senhor de Todos”, isto é, Senhor do universo, uma fronteira infinita.

### **O universo como uma totalidade infinita**

Sendo sem uma fronteira dentro de si, o “universo” (*tem*) é completo (*tem*), isto é, inteiro e abrangente (*tem*). Porque o “universo” é abrangente, é uma totalidade. A expressão *neb tem* também significa “Senhor de Todos”, isto é, Senhor do

universo, a totalidade de tudo o que é. O “Criador de Todos” é chamado *kema tem*, ou seja, aquele que criou (*kema*) tudo, inteiro, completo e sadio.

Sendo total (*tem*), o universo não tem, de fato, nenhum limite, exceto sua própria totalidade. O limite (*djer*) do universo é sua totalidade (*tem*). Tudo é então *djer* ou *tem*, também *djer* e *tem*. Constituindo o todo, o universo é inteiro, mas sua totalidade é limitada pelo próprio universo; isto é, o universo é uma totalidade infinita.

## LÓGICA EGÍPCIA

A lógica designa um ramo específico da filosofia que lida com o estudo dos princípios do raciocínio. A qualidade ou condição de ser racional – isto é, ter ou exercitar a capacidade de raciocinar – é racionalidade. Na história da filosofia ocidental, a racionalidade foi muitas vezes misturada com a filosofia em si, de modo que a filosofia e a racionalidade se fundiram em uma única, a saber, o racionalismo. Grande parte da filosofia ocidental, de Aristóteles (384-322 a.E.C.) a Ludwig Wittgenstein (1889-1951), está profundamente enraizada na noção de que a razão, em vez da emoção, experiência sensível, autoridade ou experiência espiritual, fornece a única base válida para a ação, e é a principal fonte de conhecimento e verdade espiritual. Outras civilizações são geralmente julgadas pelos critérios dessa atitude racionalista ocidental.

Se, como Descartes (1596-1650) observou, o bom senso ou razão é igualmente distribuído entre todos os seres humanos, então é injustificado acreditar que alguns grupos da raça humana são deficientes na lógica ou no raciocínio do dispositivo pontual. A chamada “mente nativa” ou “mente primitiva” é apenas um preconceito racista, baseado na crença de que uma determinada população humana ou raça é superior a outras.

Quando a matemática egípcia, por exemplo, não é falada superficialmente ou estudada superficialmente, pode-se descobrir que os matemáticos egípcios lidaram racionalmente com os problemas. De fato, os egípcios usaram a lógica como uma ferramenta de precisão na construção e desenvolvimento de sua matemática. Na geometria – isto é, a matemática das propriedades, medidas e

relações de pontos, linhas, ângulos, superfícies e sólidos ou figuras tridimensionais – todos os problemas foram organizados de maneira clara e consistente. Há sempre uma *coerência lógica* entre as partes de um problema. A estrutura básica de um problema sempre consistiu nas seguintes partes:

1. *tep*: O problema dado. Esta é a enunciação precisa do problema a ser resolvido, com exemplos elucidativos.
2. *mi djed en. Ek*: Literalmente, “se alguém diz a você isso”. Este é o estágio de *definição*, onde tudo é claro e distinto, e todos os termos relevantes são definidos de forma explícita e precisa. A expressão *mi djed* significa “de acordo com aquele o que é dito”, isto é, o processo de raciocínio deve ser endereçado a um problema precisamente formulado.
3. *peter* ou *pety*: Literalmente, isso significa “O que?”. Na gramática egípcia *ptr (peter)* está no início de perguntas com a função de provocar um predicado lógico (Gardiner 1957: 406, §497). Uma questão é uma expressão de indagação que convida uma resposta ou solução. Nesse estágio, então, o aluno é diretamente solicitado a ponderar e analisar (*ptr (peter)*) o problema em inspeção.
4. *iret mi kheper*: Procedimento correto. Este é o estágio da demonstração, isto é, o processo mental de mostrar algo como verdadeiro pelo raciocínio e computação a partir dos dados iniciais. O processo de cálculo é baseado em um conjunto cuidadoso de fórmulas matemáticas.
5. *rekhet. ef pw*: A solução. Este é o conhecimento (*rekhet*) encontrado e apreendido na mente com clareza ou certeza. A solução é considerada como verdadeira além de qualquer dúvida. O aluno mostrou o conhecimento necessário, isto é, o conhecimento e a habilidade necessários para fazer algo corretamente. A solução é evidente, graças à demonstração por um procedimento lógico confiável.
6. *seshemet, seshmet*: Exame da prova. Esta é a revisão de todo o corpo de evidências ou premissas e regras que determinam a validade de uma solução. Tal exame de uma prova lógica sempre

leva a uma generalização conceitual adicional. Assim, os antigos egípcios tinham a técnica de formar conceitos indutivamente.

7. *gemi. ek nefer*: Literalmente, “Você achou bom.” Esta é a fase final. Ser capaz de fazer algo e achar que foi feito corretamente significa que foi feito como deveria ser feito. Encontrar (*gemi*) é obter por esforço intelectual, e levar-se a uma consciência mental do que é correto, preciso, perfeito (*nefer*). Chegar a uma conclusão *lógica* e achar que a conclusão resiste ao escrutínio crítico é uma conquista na arte da dedução. O advérbio *nefer* (“bem”) implica que a solução é convincente, de modo que uma contradição é impossível. As observações finais são principalmente confirmatórias. No entanto, o rigor de todo o processo é evidente no método, e o resultado é objetivamente conhecido em toda a verdade.

## O SER E A ESSÊNCIA DO COSMOS E DOS HUMANOS

Como o cosmos veio a ser? Qual é a natureza fundamental de um ser humano? Essas questões filosóficas tratam do ser e da essência do cosmos e dos seres humanos. É importante, então, voltar nossa atenção agora para o pensamento egípcio antigo em relação a essas questões. Os egípcios concebiam a origem do universo e todas as coisas nele como uma *evolução*, mas também como uma *emanação* física do poder divino.

### Gêneses ou “criação” como uma evolução

O Nilo e o sol são os dois fenômenos que dominaram a vida intelectual e espiritual egípcia desde os primeiros tempos. No entanto, muito antes de o Nilo e o sol existirem, havia, na cosmogonia egípcia, a *Nun* primitiva, uma substância etérea que existia antes de tudo. Foi desta substância primitiva que *Ra-Atum* se originou. *Nun* é uma substância densa e opaca, nem transparente nem translúcida, impenetrável pela luz. Mas, com a aparição de *Ra-Atum*, vem a luz e o espírito. *Ra-Atum* tem em si uma força, um poder da natureza. Graças a este poder da natureza, os deuses e deusas, o céu e a terra, animais e seres humanos gradualmente surgirão. *Não há Deus em pé no início como uma personalidade consciente e moral, e como criador do céu e da terra.*

A própria *Nun* é um fluido ou substância não criada (“água primitiva”).

Mas o mundo e todas as coisas nele são criadas a partir de *Nun*. O criado vem gradualmente do incriado. Ao contrário da suposição usual, aqui “espírito” vem da “matéria”. *Nun*, uma substância física, e *Ra-Atum*, uma força intelectual e espiritual, são diferentes, com propriedades opostas, mas complementares uma à outra. *Nun* pode ser descrita como *ser* e *Ra-Atum* como movimento. A complementaridade de “matéria” e “espírito” ilustra claramente a unidade dos opostos em vários processos dentro do universo. No entanto, existe um problema epistemológico de maior dificuldade.

Como observado acima, o desenvolvimento histórico do universo, na antiga cosmogonia egípcia, remonta a *Nun* como a “matéria” primitiva e *Ra-Atum* como a primeira “forma” a partir da qual outras formas são feitas ou desenvolvidas. Isto é uma evolução, isto é, um processo natural em que algo se transforma numa forma diferente, mais complexa ou melhor. No presente caso, o que temos é um processo de evolução cósmica, e os elementos fundamentais podem ser agrupados da seguinte forma:

1. *Nun*, as “águas” primordiais existentes antes do surgimento do deus criador; *Huh*, os trechos ilimitados da falta de forma primordial; *Kuk*, escuridão e *Amon*, “o oculto”, representando a intangibilidade e imperceptibilidade da existência pré-criação.
2. *Ra-Atum*, o deus criador auto-emanante de *Nun*. No Livro do Gênesis (Antigo Testamento), o criador-deus existia ao lado do caos. A terra era o caos, o desperdício e o vazio (*weha'arets hayetha thohû wabhohû*, em hebraico). Em contraste, *Atum* estava sozinho em *Nun*; *Atum* era *Ra* em sua primeira aparição, um rei em plena glória (*kha*), um que existia antes de *Shu* ter levantado o céu da terra. *Atum* significa “tudo”, e significa também “nada”. *Atum* é o que é concluído, completado e aperfeiçoado. Significa tanto a inclusão como o vazio.
3. *Geb* e *Nut*, terra e céu. Estes representam as coisas criadas deste mundo, sejam elas divinas, cósmicas, humanas, animais, vegetais ou minerais.

### **Gênesis ou “criação” como emanção física do poder divino**

As qualidades dos deuses criadores (*Atum, Ra, Ptah*) são: poder (*bau*), brilho (*hedjut*), prosperidade (*udjau*), vitória (*nakhtu*), riqueza (*useru*), abundância (*asha*), santidade (*djoseru*), prontidão (*aperu*), criatividade (*iri*), inteligência (*ib*), adorno (*djeba*) e estabilidade (*djedet*). Essas qualidades também aparecem com o *ka*, “espírito” no nascimento real (Brugsch 1968: 996ff.). Por causa de todas essas qualidades, o criador-deus é capaz de trazer um novo ser à existência pelo ato de nomeá-lo. O nome é uma coisa de individualidade e poder; o ato de proferir um novo nome é um ato de criação.

No texto *Memphite Philosophy* (uma estela mutilada agora no *Museu Britânico*, Londres, n. 797, anteriormente n. 135), encontramos claramente articulado um amplo sistema filosófico sobre a natureza do universo, enfatizando a *palavra* divina que gerou o mundo. A criação é explicada estritamente em termos físicos. A criação é um ato de pensamento (*hatiu*) que entrou no coração (*ib*) de um deus e a expressão dominante (*udjet-medu*) que trouxe esse pensamento à realidade. Essa criação por pensamento e enunciação é como uma *emanação física* do próprio Deus.

A palavra divina é valorizada no antigo Egito por causa de sua natureza sensível e seu enorme poder. A palavra divina é claramente o poder divino sempre ativo que sai da boca da divindade. A palavra divina apareceu no Egito como uma *emanação corpórea* do deus criador:

Foi ele quem fez todos os trabalhos, todos os trabalhos manuais, que as mãos fazem, o movimento dos pés, o movimento de cada membro, de acordo com seu comando, através do pensamento do coração que saiu da língua. (*Museu Britânico*, estela nº 797, trans. James H. Breasted, 1912)

Um par de atributos relacionados do deus-criador, que foram eles mesmos personificados como divindades, foram *Hu*, “enunciado autoritário”, ou o discurso dominante que traz uma situação à existência, e *Sia*, “percepção”, a recepção cognitiva de um objeto, idéia ou situação. A percepção nesse sentido dinâmico e o enunciado autoritário estavam juntos nos princípios criativos contínuos do universo que envolviam o coração (*ib*), que concebia pensamentos (*hatiu*), e a língua (*nes*), que produzia o comando (*udjet-medu*).

O mundo é primeiro uma ideia concebida no “coração”, isto é, na divindade. Todas as coisas existiam primeiro no pensamento de deus, e então assumiam a realidade objetiva pela expressão da “língua”. A expressão do pensamento na forma de um divino “deixe ser feito” trouxe à luz o mundo. Essa concepção egípcia da criação por pensamento e palavra foi declarada muitos séculos antes da doutrina do Logos do Novo Testamento, segundo a qual “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus.”<sup>7</sup>

### **A concepção egípcia da imortalidade**

De acordo com a concepção egípcia da origem do universo (por evolução ou emanção divina), tudo está em eterno movimento: deuses e deusas, seres humanos, natureza e o mundo. A totalidade da existência é *kheper*, isto é, transformação e tornando-se através do tempo e do espaço. Todas as fontes do ser e da vida (*ankh*) estão em Deus, a única verdadeira (*maat*). O pensamento egípcio fez as maiores realizações nos campos da filosofia (sabedoria) e da ciência, ou seja, astronomia, medicina, arquitetura. Mas a espiritualidade (“religião”) e a moral não foram negligenciadas. Em todos esses campos, os egípcios buscavam a verdade e a certeza através da investigação racional. Eles combinaram a capacidade de raciocínio lógico com profunda compreensão psicológica.

Harmonia e autocontrole, movimento, vida, emoção profunda, poder: esse é o caminho egípcio. Os seres humanos foram concebidos como sendo enobrecidos com entidades espirituais como *ka*, “essência espiritual”, *ba*, “a alma”, isto é, o poder de tornar o morto “um poderoso”, e *akh*, um equipamento espiritual para grandeza. A ideia de uma vida além do túmulo - isto é, a crença na imortalidade da alma e a ressurreição do corpo - foi explicitada pela primeira vez entre os antigos egípcios. É evidente que os egípcios haviam desenvolvido uma psicologia dos mortos pela primeira vez na história humana. Os sacerdotes e as sacerdotisas dos funerais sabiam, a partir de um estudo de manuais, os rituais e

---

<sup>7</sup> Algumas traduções brasileiras da Bíblia Sagrada optam por usar o termo “Verbo” no lugar de “Palavra”, e assim escrevem: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (N. T.).

procedimentos certos para reconstituir, uma a uma, as faculdades dos mortos, para que pudessem voltar a viver no futuro. Para os egípcios, a morte era uma espécie de processo de autoconsciência em que os humanos alcançam uma identificação com os deuses cuja reação é resumida como “Um de nós chega até nós” (*Textos da Pirâmide*, pirâmide de Mer-en-Ra, 6ª dinastia).

Os ensinamentos celestes e mortuários sobre o Reino dos mortos e os ensinamentos sobre valores morais nos assuntos dos seres humanos vivos nunca foram separados no antigo Egito. É por isso que o capítulo mais antigo do desenvolvimento moral da sociedade humana deve ser encontrado no Egito, “um capítulo que marca talvez o mais importante passo fundamental na evolução da civilização” (Breasted 1972: 165-6).

### O PROBLEMA METAFÍSICO DO “MAL”

No começo, a criação era *neferu*, isto é, “perfeição”, “beleza” e “bondade”. O *ka* ou espírito do universo não era nada além de bom. Como então pôde se tornar mal?

Quando um ser individual, deus ou deusa, ser humano, animal ou árvore, passa a existir, um certo *ka* (“alma”, “espírito”, “essência”) é inerente a ele ou a ela ou a isto. Este *ka* faz um ser o que é ele, ela ou isto e constitui a sua natureza, ou sua personalidade. Assim, [a] “natureza humana” é simplesmente o *ka* da humanidade que é inerente a cada indivíduo. O *ka* foi pensado para ser o deus de uma pessoa, às vezes divindade em geral, e às vezes um deus específico (*netcher*; copta *nute, nuti*). O *ka* é, então, a força divina dentro dos humanos que governa seu comportamento. Como então pode ser mal?

Mulheres e homens egípcios eram seres possuidores de valor em si mesmos. A vida eterna foi o grande objetivo. O vigor espiritual e mental era muito profundo. Como então pode haver mal?

Um texto notável dá quatro coisas boas que o Deus supremo fez para silenciar o mal:

1. O criador fez o Vento, ou seja, a vida igualmente disponível para todos os seres humanos.

2. A água sendo um fator crucial na formação do Vale do Nilo, uma garantia de acesso igual à água significa igualdade básica de oportunidade.
3. Todos os seres humanos são criados iguais (“eu fiz todos os humanos como seu/sua companheiro/a”). Isso significa que o criador não pretendia que os humanos fizessem o mal.
4. A boa ação final do Deus supremo era chamar a atenção humana para o reino dos mortos, a região da vida eterna e para o culto divino e os rituais que devem ser realizados a fim de alcançar essa imortalidade.

Na íntegra, o verso da terceira boa ação do Deus supremo é o seguinte:

Eu fiz todos os humanos como seus companheiros.  
 Eu não ordenei que eles pudessem fazer o mal,  
 Mas foram seus corações que violaram o que eu havia dito.  
 Essa é (a terceira) das ações.  
 (Adriaan de Buck, *CoffinTexts*, VII, 1130: 461-5)

É claro que os humanos são o rebanho de Deus. Ele fez o céu e a terra para satisfazer suas vontades e desejos. Ele fez o fôlego da vida pelas narinas. Os humanos são a imagem de Deus formada a partir do corpo divino. Plantas e animais, aves e peixes foram feitos para alimentar os seres humanos. Como então pode haver mal?

O mal vem dos próprios humanos. Seus próprios corações (*haty*, “coração”, *hatiu*, “pensamentos”, *ib*, “coração”, “mente”, “compreensão”, “inteligência”, “vontade”) planejaram errado. A desigualdade social não faz parte do plano de Deus. A igualdade é uma dispensação divina, mas a transgressão é um ato humano. Os seres humanos devem assumir a responsabilidade apenas por este último.

O mal não é um princípio divino no mundo. A origem do mal deve ser encontrada dentro da natureza dos próprios seres humanos. A natureza humana (*ka*) é boa, mas a primeira coisa na vida é a consciência (*ib*). A mente (*ib*) pode ter várias atividades, como pensar e sentir, mas pensar e sentir-se bem depende da consciência. Nos seres humanos, o princípio da humanidade, retidão,

propriedade e sabedoria pertence à consciência. Os seres humanos podem distinguir entre o que é certo e errado, graças à sua consciência. Eles são capazes de sentir compaixão, perdão e também de vergonha do erro. A chama de uma vela depende de como a vela recebeu o sebo rico que dá luz. A chama é o *ka*, mas o sebo que realmente dá luz é a mente humana e sua consciência (*ib*). Por todas estas razões, a educação (*seba*) é muito necessária.

## **MAAT, A PEDRA ANGULAR DA FILOSOFIA EGÍPCIA**

A sociedade egípcia antiga durou quase 35 séculos. Durante esse longo período de tempo, não houve discriminação social entre homens e mulheres, nem servidão humana ou escravidão, nem detenção em prisões, nem punição capital. Isso foi possível por causa de *Maat*, a pedra angular da filosofia egípcia.

### **O simbolismo de Maat**

A deusa *Maat*, usando uma alta pena de avestruz em sua cabeça como seu símbolo, era chamada de filha de *Ra*, ou o olho de *Ra*. Ela também era conhecida como dama dos céus, rainha da terra, senhora do submundo e amante de todos os deuses. Cenas rituais retratam reis egípcios apresentando uma estatueta de *Maat* aos deuses como um dom supremo.

### **Maat como a personificação da virtude perfeita**

*Maa* significa basicamente “o real”, “a realidade”, isto é, aquilo que é genuíno e autêntico, em oposição ao artificial ou espúrio. *Maat* é a realidade como um todo, isto é, a totalidade de todas as coisas que possuem realidade, existência ou essência. *Maat* é aquilo que existe objetivamente. De fato, *Maat* é aquilo que tem a existência necessária e não apenas contingente. É por isso que *Maat* está em toda parte e permeia toda a criação (*er-djer*). Significa também que *Maat* é pertinente a todas as esferas da realidade, a divina ou a sagrada, a cósmica, a física, a política e a familiar. Em suma, *Maat* é um conceito exaustivo e abrangente.

Essa inclusividade faz dela um todo ordenado e esteticamente coerente; é por isso que *Maat* também significa a ordem da totalidade da existência. Assim, tudo no universo que é real e ordenado é a expressão ou manifestação de *Maat*.

Em particular, quando na sociedade os seres humanos se comportam da maneira correta ou agem da maneira correta, eles estão manifestando *Maat*. Daí esses outros significados de *Maat*, como “verdade”, “justiça”, “retidão”, “correção”. *Maat* é a mais alta concepção de lei física e moral conhecida dos antigos egípcios. Assim é que a deusa *Maat* era a personificação da lei, ordem, regra, verdade, retidão, certo, cânone, justiça, franqueza, integridade, consciência e perfeição. A civilização egípcia foi construída sobre este conceito inclusivo, com sua grande fecundidade de significado. No entanto, falar de *Maat* é inútil, se não for praticado. Na verdade, *Maat* é um modo de vida e espiritualidade.

### ***Maat* é mais que Ética ou Filosofia Moral**

O estado faraônico foi organizado de acordo com os princípios políticos de *Maat*. Por causa disso, as pessoas não viveram no que Thomas Hobbes (1588-1679) chamou de “estado da natureza”. Na filosofia, a ética designa a filosofia moral, isto é, os princípios da conduta correta teorizados como um sistema de valores morais. Mas *Maat* pode ser entendido como uma filosofia moral transcendental, porque já é divina. *Maat* não tem nada a ver com o que é chamado na filosofia ocidental de “valores morais”, “éticos”, “imperativos”, etc. Um faraó não era um “animal político” ou um “líder moral”, mas verdadeiramente um rei real (*maa*), um líder divino e um rei espiritual, preocupado com os princípios divinos que governam o mundo. Os reis do antigo Egito sustentaram as leis do universo e da sociedade humana, que *Maat* incorporou, ou seja, ordem cósmica, verdade, justiça, harmonia, perfeição e força espiritual.

*Maat* é, portanto, mais do que “ética” ou “valores morais”, porque o próprio deus-criador vive por *Maat*. As coisas mudam (*kheper*), tanto no mundo da natureza como dos seres humanos, mas *Maat*, subjacente e regulando as mudanças, permanece imutável enquanto existir o deus-criador *Ra*. Um antigo texto egípcio diz:

O Ra!  
 Mestre da verdade (*Maat*)  
 Vivendo da Verdade (*Maat*)  
 Regozijando-se na Verdade (*Maat*)  
 Pomposo na Verdade (*Maat*)  
 Formado de Verdade (*Maat*)  
 Eterno através da Verdade (*Maat*)  
 Abundância pela Verdade (*Maat*)  
 Poderoso pela verdade (*Maat*)  
 Constante na verdade (*Maat*)  
 Rico pela Verdade (*Maat*)  
 Adornado pela Verdade (*Maat*)  
 Brilhando pela Verdade (*Maat*)  
 Satisfeito pela Verdade (*Maat*)  
 Unido à Verdade desde o começo.  
 (*Litany of the god Ra*)

### A imanência de Maat na cultura Africana

A honra e fascínio com o qual os egípcios detiveram *Maat* foi tremenda. De fato, *Maat* ainda é uma das principais forças no desenvolvimento das sociedades Africanas. O papel fundamental de *Maat* se manifesta hoje em dia na linguagem de vários grupos étnicos africanos:

Antigo Egito: *maat*, “verdade”; *maa*, “verdadeiro”

Copta (Egito): *me, mee, mie, mei, meei*, “verdade”, “justiça”, e também “honesto”, “justo”

Caffino (Cushitic, Etiópia): *moyo*, “motivo”, “razão” (verdade e razão são inseparáveis)

Kongo (Congo): *moyo*, “vida”, “alma”, “mente” (mesmo campo semântico)

Ngbaka (República da África Central): *ma*, remédio mágico (a fim de conhecer a verdade)

Fang (Guiné Equatorial, Camarões do Sul, Gabão): *mye, mie*, “puro” (*tabe mye*, “para ser mais física e moralmente puro”)

Mpongwe (Gabão): *mya*, “saber”, a verdade (*mya re isome*, o auto-conhecimento, que o oráculo de Delphos ordenou: *gnothi seauton*)

Yoruba (Nigéria): *mo*, “saber”, a verdade (conhecimento)

Hausa (Nigéria): *ma*, “na verdade”, “de fato” (afirmação: *ni ma na ji*, “de fato eu ouvi isto”)

Mada (Camarões do Norte): *mat*, “gênio”, “duende” (especialização semântica)

Nuer (Nilótico, Sudão): *mat*, “total”, “soma”, “forças” (*ro mat*, “unir forças com.” *Maat* é, de fato, o total de todas as virtudes, todas as forças como ideais para guiar o homem em sua vida pessoal e espiritual).

### CONCLUSÃO

O estudo sério e cuidadoso da filosofia africana desde a antiguidade até a era atual revelará que a filosofia Africana tem um alcance muito amplo. Todas as principais questões que chamaram a atenção de filósofos na Ásia, Europa, América, etc. podem ser encontradas na filosofia Africana. Eles foram discutidos através de muitos séculos no antigo Egito, durante os grandes reinos da África Ocidental, Central e do Sul, nos tempos modernos e na contemporaneidade. Qualquer dúvida sobre razão e racionalidade na África deveu-se principalmente a insinuações antropológicas. A filosofia como tal não foi, e nunca fora, um mistério para a mente africana. O fato é que, na história da humanidade, a filosofia tem sido em toda parte uma marca do triunfo da mente humana.

O conceito central da filosofia egípcia é *Maat*, significando “nivelamento, uniformidade, retidão, exatidão”, no sentido de regularidade e ordem no mundo. Fluindo disto está o uso filosófico de *Maat* para significar “integridade, retidão, verdade, justiça”. Em conformidade com *Maat*, os direitos individuais foram plenamente reconhecidos no antigo Egito. *Maat* deu a cada ser humano uma oportunidade de realizar a si mesmo nesta vida e ter esperança por uma futura vida futura.

Como os seres humanos pertenciam também à sociedade, não apenas a si mesmos, a palavra-chave para o sábio era “silêncio”, com o significado de calma, tranquilidade, humildade. O próprio deus *Amon* era “o senhor do silêncio, o protetor do silêncio”. Como “ignorantes e sábios são de uma só peça”, o direito à auto-expressão deve ser usado no espírito de *Maat*.

As conquistas dos antigos egípcios em arte, arquitetura e governo e seu senso de ordem geométrica, justiça social, paz, amor e felicidade se refletem nas alturas intelectuais, científicas e espirituais alcançadas pelo Egito, graças à filosofia de *Maat*.

O antigo Egito contribuiu significativamente para a contínua filosofia, ética ou consciência do mundo de tempos posteriores, recebendo e educando muitos estudiosos e filósofos gregos. Por exemplo, Platão (427-347 a.C.) registra ele mesmo que Tales (624-546 a.C.), o fundador da filosofia, geometria e astronomia no grego mundo, foi educado no Egito sob os sacerdotes (“*Th. epaideuthe en Aigupto hupo ton hiereon*”: Platão, *A República* X, 600 A, scholium).

## Referências

Breasted, James H. (1972) *Development of Religion and Thought in Ancient Egypt* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1st edn. 1912).

Brugsch, Heinrich (1968) *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum: Woerterbuch Suppl.*, 6 vols (Leipzig: Graz; orig. pub. 1883–91).

Gardiner, Alan Henderson (1957) *Egyptian Grammar: Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3rd rev. edn. (Oxford: Griffith Institute, Ashmolean Museum).

Gillings, Richard F. (1972) *Mathematics in the Time of the Pharaohs* (Cambridge, MA: MIT Press).

Hegel, G. W. F. (1956) *The Philosophy of History* (New York: Dover).

Yu-lan, Fun (1976) *A Short History of Chinese Philosophy* (New York: The Free Press).